

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Os livros de Matrícula de Enfermos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e o papel desta instituição na assistência à saúde da população (1895-1913)

Angélica Aparecida Moreira da Silva¹
Maria da Penha Costa Vasconcellos^{**}

Resumo: Desde o século XVI a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo vem prestando inúmeros serviços de saúde para a população na cidade de São Paulo. Desta experiência de longa data, entre diversas possibilidades de pesquisa sobre sua atuação, chama-nos a atenção, especialmente os registros referentes ao final do século XIX e começo do século XX produzidos pelo Hospital Central. A discussão será feita a partir da análise dos Livros de Matrícula de Enfermos referente ao período de 1895 a 1913 e traz diferentes informações sobre os doentes que recorreram aos serviços. A pesquisa objetiva fornecer subsídios para a História da Saúde da população em São Paulo, sobretudo feminina, em um período de transformações não só econômicas, mas também demográficas, sociais e institucionais."

Palavras-chaves: História da Saúde – Gênero, Saúde e Memória - História das Instituições de Saúde

Abstract: Since the XVI century the São Paulo's Holy House of Mercy has been rendering account to many health services to São Paulo's population. From this long term experience, among several possibilities of research about its performance, the records concerning the end of the XIX and beginning of the XX century, produced by the Central Hospital, comes to our attention in a special manner. The discussion will be made as from the analysis of the Book of the sick enrollments. The documentation analysed is relative to the period of 1895 to 1913 and brings different information about the sick who appealed to the services. The research aims to supply aid to the Health History of São Paulo's population, specially female, in a period of changes not only economical, but also demographical, sociological and institutionals.

Keywords: Health's History – Gender, Health and Memory – History of the Health Institutionals

Norberta dos Santos, filha de Amâncio Chaves, 36 anos, brasileira de Itu (SP), preta, casada, doméstica, residente à Rua Rui Barbosa – nº 63, pensionista de 1ª classe da Santa Casa, internada em quarto com diagnóstico de fibroma uterino – laparotomia em 05/07/1906, deu entrada em 03/07/1906 e saiu em 28/07/1906. (Livro de Matrícula de Enfermos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo nº 2, 1906: 5)

¹ Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

^{**} Professora do Dep. de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

A partir dos registros dos Livros de Matrícula de Enfermos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, cabe algumas perguntas: Como se criou esta demanda de mulheres, ausentes deste espaço até o final do século XIX, começo do XX? Qual o perfil das mulheres que freqüentaram o Hospital? Que doenças as afligiam? De onde vinham? Que profissões exerciam?

O olhar sobre estas questões tem se inspirado nas reflexões das historiadoras Maria Antónia F. Pires de Almeida, que analisa o perfil dos usuários no Hospital da Santa Casa de Avis e no trabalho de Regina Morantz-Sanchez, que destaca a mudança na visão sobre a doença, o sofrimento e a dor, na virada do século XIX para o XX, e discute o surgimento da demanda para o consumo de um tipo de assistência à saúde: a Ginecologia.

Esta apresentação visa fornecer subsídios para a análise da atuação da Santa Casa na virada do século XIX para o XX, visto ter ocorrido mudanças significativas com a construção do novo hospital. A discussão será feita a partir dos dados levantados nos Livros de Matrícula de Enfermos do período de 1895 a 1913, atendidos pelo Hospital.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado em Saúde Pública¹, que objetiva fornecer subsídios para a História da Saúde da população em São Paulo, sobretudo feminina, em um período de transformações não só econômicas, mas também demográficas, sociais e institucionais.

A Santa Casa

A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia é uma instituição filantrópica de orientação católica fundada em Lisboa no ano de 1498, sendo instituída nos domínios portugueses com o advento dos Descobrimentos. (MESGRAVIS, 1976: 29). Criadas nos principais núcleos urbanos das colônias, tiveram papel importante não só na construção da imagem que Portugal quis imprimir ao império (ABREU, 2001: 605); como também na assistência prestada à saúde da população.

No Brasil desde o século XVI, a instituição traz consigo os princípios estabelecidos pela matriz lisboeta. Baseia-se nas 14 obras de misericórdia definidas por São Tomás de Aquino, assim divididas: sete obras espirituais -- ensinar os simples, dar bom conselho, castigar com caridade os que erram, consolar os tristes, perdoar a quem nos errou, sofrer as injúrias com paciência, rogar a Deus pelos vivos e os mortos; e sete corporais: remir

¹ A pesquisa vem sendo desenvolvida sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Maria da Penha C. Vasconcellos no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

os cativos e visitar os presos, curar os enfermos, cobrir os nus, dar de comer aos famintos, dar de beber a quem tem sede, dar pousada aos peregrinos e pobres, enterrar os finados. (apud KHOURY, 2004: 9)

A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da cidade de São Paulo, fundada no século XVI, não fugiu à regra: entre suas funções diversas, durante séculos cuidou, tratou, curou e enterrou principalmente a população pobre.

No Termo de Mesa (espécie de Ata das reuniões) de 24 de abril de 1715, discutiu-se a criação de um hospital:

o Irmão Provedor, e mais Irmãos da mesa para se tratar ... e por cada um e todos juntos assentaram e concordaram que na Santa Casa da Misericórdia houvesse hospital para sempre, para remédio e futuro dos mais pobres e indigentes como com efeito se deu principio logo, pondo camas, e recolhendo-se neste mesmo dia acima declarado uma mulher pobre com um braço podre para tratar do seu remédio... (VOTTA, 1951:19-20)

Ao falar dos gastos e das esmolas que recebiam para aplicar no hospital -- às vezes chamado de hospital, outras de enfermaria -- é mencionada a estrutura considerada necessária e para a qual precisavam reunir esforços: "... os gastos com a enfermaria compreende médico, cirurgião, botica, sangrador, camas e enfermeiro". (VOTTA, 1951: 20)

Quanto à localização hospital não se sabe ao certo, acredita-se, segundo alguns autores, que estava situado ao lado da Igreja da Misericórdia, hoje Rua Direita. (CARNEIRO, 1986: 196-197)

Em 1832 foi iniciado o Hospital da Glória, localizado na Rua da Glória onde hoje funciona o Colégio São José pertencente à Irmandade.

No regulamento do hospital, datado de 22 de maio de 1864, verifica-se a organização do espaço hospitalar (enfermarias geral para atendimento aos pobres, particulares para os pensionistas que pagavam as próprias despesas e para os irmãos da Santa Casa), as atividades desenvolvidas por enfermeiros e enfermeiras, médicos, farmacêuticos, administrador, capelão, escriturário, entre outros e as regras para os enfermos.

No Regulamento o hospital é definido como "instituição pia e como tal foi destinada para acolher e tratar os enfermos pobres sem distinção de nação e religião". (IRMANDADE, 1875: 21). O documento informa sobre as regras para o funcionamento do escritório do hospital, sendo que no artigo 22 são mencionados os registros que a Irmandade considerava necessários e que forneciam os dados para as estatísticas que publicavam. Indica

inicialmente o Livro de Entrada e Saída dos Enfermos com declaração dos nomes, naturalidade, estado (civil), condição (pensionista, escravo, pobre) e dos dias que entraram e saíram.

Em 1875, Antonio Caetano de Campos, irmão da Misericórdia, que ocupava o cargo de médico cirurgião deste hospital desde 1872, apresentou um relatório no qual faz uma avaliação bastante negativa das condições em que se encontravam o hospital e os doentes: desorganizado, sujo, desaparelhado e onde o pessoal administrativo e clínico se não maltratava os pacientes, na melhor das hipóteses, ignorava-os. O médico salienta que eram as terríveis condições que justificavam “o terror que inspirava o Hospital à pobreza desta terra” (IRMANDADE, 1875: 97-113)

Neste relatório o provedor descreve que as enfermarias eram separadas apenas por sexo (nem por idade, nem por doenças) e que por falta de acomodações misturavam-se convalescentes com agonizantes, portadores de diferentes doenças, inclusive contagiosas (IRMANDADE, 1875). O quadro estatístico de 1870 a 1875 mostra que o número de mulheres atendidas é bem menor que o de homens.

Em 1885, passados 10 anos da apresentação deste relatório, foi inaugurado o Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia no bairro do Arouche, hoje bairro de Santa Cecília. O edifício foi construído aos poucos, à medida que recebiam donativos. (MESGRAVIS, 1976: 144-148).

Deve ser lembrado que entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade de São Paulo passava por mudanças bastante acentuadas com o crescimento demográfico devido à chegada dos imigrantes, principalmente italianos, também a vinda de negros egressos da escravidão. Novas atividades econômicas trazidas pela industrialização incentivada pela expansão da cultura cafeeira foram se desenvolvendo, contribuindo para um rápido processo de urbanização, com isso os problemas sanitários e de saúde pública aumentaram, atingindo principalmente a população pobre da cidade sujeitos às doenças e principais vítimas das epidemias. (RIBEIRO, 1998: 19-27) Serviços de saúde foram organizados, seja por iniciativa do governo como também de entidades privadas, ampliando-se os espaços dedicados ao atendimento à saúde.

Existia na cidade uma elite médica que prestava serviços na Santa Casa, alguns trabalhavam também em outros serviços de saúde, participavam como membros de instituições científicas, como a Sociedade de Cirurgia e Medicina de São Paulo, discutindo casos, publicando trabalhos, um conjunto de atividades científicas bastante intensas e

entrelaçadas, ocorridas em um período anterior à criação da primeira faculdade de medicina da cidade.

O novo Hospital da Santa Casa foi criticado pelos médicos por não atender completamente as exigências da ciência moderna, foi se adaptando sobre o desenho original em estilo gótico defendido pelo então Provedor Arcipreste João Jacintho de Andrada. Mais tarde em discurso, o médico Arnaldo Vieira de Carvalho na comemoração de 25 anos do Hospital, fez observações sobre o ocorrido: “adotou o plano do novo edifício, sacrificando a higiene ao monumento – o estilo gótico falava mais alto a uma alma amantíssima da igreja que os ditames da antisepsia nascente”. (REVISTA MÉDICA DE SÃO PAULO, 1910: 278)

Nos anos seguintes o hospital passou por uma série de reformas e adaptações. O relatório de 1902 traz informações sobre as mudanças que vinham ocorrendo, na organização hospitalar influenciada pela orientação científica da época, e as dificuldades para acomodar devidamente os doentes, pois nestes anos, como informa o Provedor, o número havia aumentado muito. Os quadros de despesas apresentados apontam que os maiores gastos eram com o hospital. (IRMANDADE, 1902)

Em 1902, o médico Oliveira Fausto apresentou um artigo publicado em francês na Revista Médica de São Paulo sobre o Hospital Central da Santa Casa:

Como se vê, não se trata de uma velha construção emendada às necessidades de hoje, mas de um edifício totalmente novo; de tijolos, em estilo gótico, construído em cima de uma das mais bonitas colinas da encantadora cidade de São Paulo. Apesar de novo (não está ainda terminado), ele apresenta; todavia, alguns defeitos, sendo um deles o fato de um hospital moderno ter todos os pavilhões ligados ao corpo central do edifício.

Embaixo, no primeiro andar, estão instalados a farmácia e os 5 consultórios externos, 1 para as moléstias de senhoras, 1 para medicina dos homens, 1 para as doenças de crianças, 1 para cirurgia em geral e 1 para as doenças dos olhos. Existe ainda, num pequeno pavilhão separado, 1 serviço de consultas ginecológicas e mais 1 consultório dentário.

As alas laterais de um só andar são ocupadas pelas enfermarias; as da ala direita para os homens e as da ala esquerda para as mulheres e crianças, separadas por um encantador jardim no centro do qual ergue-se uma linda capela.

O serviço clínico está assim distribuído: 2 enfermarias para a cirurgia dos homens 3 salas para o serviço médico do sexo masculino, 1 para doenças dos olhos; e do lado das mulheres, 1 sala de cirurgia e ginecologia e 1 de medicina e cirurgia para as crianças. Há também de cada lado, 1 sala completamente separada para os

tuberculosos. Infelizmente, o hospital é obrigado a receber estes doentes, visto que ainda não temos sanatório.

Ao lado de cada enfermaria, cujas janelas em forma de ogiva, abrem no gramado, encontra-se 1 rouparia, 1 sala de banho (água quente e fria), W.C., vestiário para o médico, 1 salinha para as análises e quartos separados para as doenças muito graves ou os operados. (apud CARNEIRO, 1986: 347)

Ainda neste artigo, o médico faz um comentário sobre a divisão das enfermarias e a forma de organização das especialidades médicas da época:

É pena que as funções clínicas dos cirurgiões e médicos estejam completamente separadas para os dois sexos, os cirurgiões e médicos... dos serviços do lado dos homens não podem exercer em ginecologia e vice-versa. Essa divisão do trabalho é inadmissível em nossos dias; todo cirurgião deveria ser ginecologista.

O argumento das especialidades, no caso, é improcedente; todos aqueles que lidam com cirurgia geral devem ser preparados para qualquer intervenção. (apud CARNEIRO, 1986: 349)

A Documentação

O arquivo permanente da Santa Casa em São Paulo localiza-se em um galpão do Hospital São Luiz Gonzaga, um dos hospitais da Irmandade, que foi abrigo para leprosos, depois destinado à cura da tuberculose, hoje hospital referência localizado no bairro do Jaçanã, zona norte da cidade de São Paulo. Para esta pesquisa, é necessária a autorização prévia fornecida pela Santa Casa.

A riqueza do acervo já foi salientada por vários autores, neste arquivo estão documentos como livros de registro de autópsia (1920-1925), livros de assentamento dos falecidos (1909-1920), livros de frequência dos médicos (1930-1971), livros de registro de operações (1905-1960); entre outros. (KHOURY, 2004: 680-684)

Os Livros de Matrícula de Enfermos

Os ‘Livros de Matrícula de Enfermos’, documentação em que se baseia esta apresentação, é uma série documental com datas limite entre 1883-1955 produzidos pelo Hospital Central da instituição. Desta série, não foram encontrados os livros referentes ao período entre 1888-1898.

Há um livro com as datas limite -- setembro de 1883 a dezembro de 1887 -- no qual parte do movimento registrado refere-se ao Hospital da Glória e parte ao Hospital de Santa Cecília. Este livro encontra-se no Museu da Santa Casa, exposto para os visitantes, havendo restrições à sua consulta.

Entre os anos 1899 a 1955 foram localizados os livros em seqüência cronológica ininterrupta.

Os Livros de Matrícula de Enfermos são manuscritos e registravam a entrada de pessoas que procuravam a Santa Casa de Misericórdia através do ‘Atendimento da Porta’ ou ‘Serviço da Porta’, seria como o Pronto Socorro da instituição. (HUNGRIA FILHO, 2000: 23)

Os livros apresentam os seguintes dados: número de registro, nome, filiação, idade, naturalidade, estado (civil), profissão, procedência (informada a partir de 1903), remetente, entrada, saída, alta, remoção (para hospitais de isolamento ou asilos) ou falecimento com dia, mês e ano, enfermagem (a partir de 1903), diagnóstico (a partir de 1906) e resultado do tratamento (a partir de 1911). Nos primeiros livros os registros mencionam a nacionalidade (brasileira, italiana, alemã), a partir de 1905, encontra-se com freqüência dados sobre a cidade de nascimento.

Quanto ao atendimento relativo aos meses de 1883; foram atendidas 254 pessoas, sendo 190 homens e 64 mulheres. Destas mulheres, 4 italianas, 2 africanas, 2 alemãs, 1 espanhola e 1 portuguesa, 54 brasileiras sendo 6 crianças, 2 escravas, 1 preta e 1 liberta. Quanto ao estado civil são na maioria solteiras: 35 delas (não foram adicionadas as 6 meninas), 9 viúvas, 9 casadas e 5 sem referências ao estado civil. Todas atendidas como pobres, apenas uma italiana como meia pensionista.

Numa análise preliminar verificamos que 45 mulheres aparecem registradas sem o sobrenome, enquanto praticamente todos os homens são registrados com o nome e sobrenome. Qual o motivo da omissão do sobrenome das mulheres? O sobrenome tinha atributo diferente segundo o sexo e camada social? Ou o anonimato era devido ao desejo de não serem identificadas? Eram portadoras de doenças sexualmente transmissíveis?

Os livros de matrícula são uma fonte importante para a análise das condições de saúde, tratamento e perfil social da clientela da Santa Casa.

É possível levantar a hipótese de que apesar da grande maioria de homens e mulheres pertencer às camadas populares da cidade, há uma diferenciação social por sexo. No dia 12/09/1899 deu entrada Maria Milan, italiana, 23 anos, casada, **pespontadora**; em 17/07/1903, Maria Safca, francesa, 50 anos, casada, **costureira**; em 14/12/1904, atendida

Etelvina Moreira dos Santos, brasileira, 17 anos, casada, **copeira**; em 24/01/1905, Fortunata Paris, italiana, 18 anos, solteira, **operária**; em 23/12/1909, Anna Greco, brasileira/Santos, 28 anos, casada, **doméstica**. As mulheres eram em geral, domésticas, empregadas, criadas, copeiras, engomadeiras, lavadeiras, operárias, comerciantes, costureiras, pespontadoras, colonas, entre outras. Já os homens eram operários, comerciantes, copeiros, pintores, lavradores, colonos, mecânicos, professores, artistas, ferreiro, foguistas, motorneiros, farmacêutico, mascate, peixeiro, hortelão, músicos, guarda livros, ‘guardachuvistas’, padeiros, entre outros.

Havia duas formas para o doente ser atendido: ou procurava por conta própria, indicado nos registros pelas iniciais A. P; que é o Atendimento da Porta (HUNGRIA FILHO, 2000: 23) ou remetido por pessoas influentes, profissionais e instituições diversas: a polícia, a Mordomia (cargo de hierarquia existente até hoje nas instalações da Santa Casa), a Madre Superiora, os médicos da própria Santa Casa (consulta ambulatorial), demais médicos das clínicas particulares, encaminhamento de outras cidades paulistas, fazendeiros, o Consulado de Imigração Italiana, Instituto Pasteur, a Policlínica, entre outros. A análise do **Remetente**, poderá indicar se as mulheres procuraram espontaneamente a instituição ou foram encaminhadas por outros serviços, contribuindo assim para discutir os primórdios da construção do mercado da saúde em São Paulo.

Considerações finais

A análise dos livros de registros **de doentes** levanta questões pouco estudadas na historiografia da saúde, como a transferência dos cuidados e da cura do domicílio para o hospital e o consumo da saúde nas primeiras décadas do século XX. Sugere que houve uma mudança na relação que se tinha com o corpo, com a doença e com o comportamento diante da dor e sofrimento. Antes a busca de cura e tratamento estava circunscrita aos cuidados entre as mulheres, ao conhecimento popular das parteiras e das benzedeiras, aos recursos disponíveis – remédios caseiros transmitidos de geração a geração. O hospital deixa de ser visto como um lugar de morte, como disse Caetano de Campos – mas um recurso de tratamento e cura, uma possibilidade de se evitar a dor e o sofrimento.

Fazendo-se um recorte de gênero na análise das informações colhidas nos registros pode-se repensar a assistência prestada pela Santa Casa aos ‘problemas’ de mulheres, ou seja, as doenças exclusivamente femininas, a organização dos serviços para este atendimento, e levantar a hipótese de um crescimento da demanda de usuárias de serviços de saúde, visto os

dados já terem apontado que era escassa a presença feminina no hospital central no período anterior ao estudado.

Fontes:

HOSPITAL CENTRAL DA IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SÃO PAULO. Livros de Matrícula de Enfermos. De 1883 a 1887 e de 1899-1955.

IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SÃO PAULO. Primeiro Relatório sobre a Santa Casa de Misericórdia da cidade de São Paulo, 1875. Provedor Francisco Martins de Almeida. São Paulo: Typografia de Jorge Seckler, 1876, 2ª edição, 1909.

_____. Relatórios apresentados à mesa conjunta. De 1902 a 1932. São Paulo: Escola Typographica Salesiana.

_____. *Santa Casa*. In: Revista Médica de São Paulo. São Paulo, ano 13, n. 15, 1910, p. 277-282.

OLIVEIRA FAUSTO. *L'Hôpital de la Miséricorde à S. Paulo*. In: Revista Médica de São Paulo. São Paulo, ano 5, n.10, 1902, p. 375-378.

Bibliografia

ABREU, Laurinda. O papel das Misericórdias dos 'lugares de além-mar' na formação do Império Português. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, set/dez 2001, p.591-611.

ALMEIDA, Maria Antónia F. Pires. Percursos de pobreza em meio rural: as mulheres no Hospital da Misericórdia de Avis. *Trabalho apresentado no IV Congresso Português de Sociologia*. Coimbra, 2000.

CARNEIRO, Glauco. *O poder da Misericórdia: A Santa Casa na história de São Paulo*. São Paulo: Press Graphic Editora e Gráfica Ltda, 1986. 2 volumes.

HUNGRIA FILHO, José Soares. *Memórias da Misericórdia*. São Paulo, Editora Artes Médicas, 2000.

KHOURY, Yara M. A.(coord.) *Guias dos Arquivos das Santas Casas de Misericórdia do Brasil*. São Paulo: CEDIC – PUCSP/FAPESP/IOESP, 2004. 2 volumes

MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884): contribuição ao estudo da Assistência Social no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MORANTZ-SANCHEZ, Regina. De “corpos” a “pessoas”: atuação das pacientes através do julgamento da Dra. Mary Dixon Jones de 1892. *Cadernos Pagu*. Rio de Janeiro, n. 24, jun/2005, p.15-40.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História sem fim... inventário da saúde pública – São Paulo 1880-1930*. São Paulo, Unesp, 1993

SILVA, Márcia R. Barros. *O mundo transformado em laboratório: ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo de 1891 a 1933*. São Paulo, 2003. Tese de doutorado apresentada a FFLCH/USP.

TELAROLLI JR, Rodolpho. *Poder e Saúde: As epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

VOTTA, Raul. *A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo nos primórdios de sua existência: contribuição para a história hospitalar de São Paulo*. São Paulo: Dupont, 1951.